

KALI YUGA: UM ZINE VIRTUAL SEGUNDO AS EXPERIMENTAÇÕES NA ARTE DIGITAL

CAMILA PORTO BURGUÊZ¹, FELIPE MERKER CASTELLANI²

¹Universidade Federal de Pelotas –porto.camilab@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A arte contemporânea traz consigo uma geração de artistas que adquirem a consciência da revolução eletrônica e buscam sensibilizar as plataformas digitais de acordo com o desenvolvimento de sua poética. Segundo DOMINGUES (2003), os avanços tecnológicos nos permitem pensar uma nova relação entre a obra de arte e o espectador, seja propondo a interação ou utilizando de quaisquer outros recursos tecnológicos proporcionados pela digitalização das imagens. Nesse sentido, é possível pensarmos novas maneiras de estudar e percorrer as potências fornecidas por novas linguagens artísticas e transitar esse novo encadeamento de informações estéticas.

Apesar dessas novas possibilidades artísticas e de ativismo serem oferecidas pela grande variedade de recursos visuais, sonoros e interativos que a facilidade de deslocamentos e redirecionamentos (o *hyperlink* é um exemplo disto) do espectador nos proporcionam, existem também nas mídias sociais o controle corporativo que enfrentamos na vida real. Ou seja, midiativistas e usuários da rede tecnológica se deparam com muitos empecilhos no que diz respeito à publicação, divulgação e diálogo das obras de arte e peças de comunicação de protestos nesses espaços de controle. (BEIGUELMAN, 2011-2012)

Ao observarmos os problemas descritos acima sob um olhar feminista e levando em conta os já tão discutidos moldes físicos e comportamentais experienciados pelas mulheres e disseminados hoje principalmente pela publicidade, assim como aponta WOLF (1992) podemos perceber que essas situações adversas à emancipação da mulher não somente permanecem, mas agora também adquirem novas potências e formas de padronização de gênero por meio de um individualismo incentivado pelo superconsumo e mascarado pelas ideias de autenticidade e autocuidado (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Diante disso, utilizamos das ideias de táticas e estratégias de CERTEAU (1994), que propõe formas de resistência por meio de pequenas mudanças em nossa vida cotidiana. Assim como afirma SILVA (2017), essas “microresistências” e “microliberdades” podem ser estabelecidas na rede de *internet*. O autor visualiza no trabalho de CERTEAU (1994) indicações das possibilidades de fuga do sistema dominante *online*.

A partir das questões levantadas acima, o presente trabalho pretende utilizar da poética artística da autora, que consiste em uma personagem digital criada a partir do autorretrato, como condutora de uma análise crítica e artística da identidade virtual pós-moderna que surge juntamente com a *internet* e os dispositivos móveis de telecomunicação, questão que é abordada por NÓBREGA (2010). Além disso, manifesta-se aqui também uma preocupação com a visibilidade e a liberdade de expressão de artistas mulheres e feministas que procuram contestar o sistema capitalista e patriarcal por meio do ativismo digital.

Sendo assim, como tática política feminista e proposta prática desse projeto de dissertação é pensado um zine virtual como espaço de publicação e exposição

de obras de arte digitais feitas por mulheres. A escolha dessa peça gráfica é feita levando em consideração o papel histórico e o caráter libertário que o zine desempenhou dentro dos movimentos de contracultura e do feminismo, sendo considerado uma importante ferramenta da comunicação alternativa e da cultura *do it yourself*, assim como afirma CAMARGO (2011).

Portanto, esta pesquisa traz como questão teórica **compreender e explorar as possibilidades artísticas que são proporcionadas pelo processo criativo na arte digital a partir de um olhar feminista**. Tendo como objetivo geral conduzir o desenvolvimento da poética visual da autora, procurando também oferecer visibilidade à arte digital produzida por outras mulheres artistas, pensando novas maneiras de expor e organizar estas obras em espaços físicos e virtuais. Ainda tem como objetivos específicos:

- a) Demarcar as conexões das diversas formas de desconstrução dos padrões de gênero e sexualidade a partir de manifestações artísticas de mulheres da cena alternativa e suas reverberações nas diferentes vertentes da cultura visual;
- b) Relacionar as características presentes no processo de criação de obras digitais com os processos e resultados obtidos a partir das plataformas de arte tradicionais;
- c) Elaborar uma releitura dos zines feministas produzidos da segunda metade do século XX até os dias de hoje.

2. METODOLOGIA

Em termos de metodologia, essa pesquisa usa como ponto de partida um levantamento de artistas digitais mulheres, criando assim um mapeamento da produção artística e dos coletivos de resistência nas mídias sociais que utilizam da tecnologia para conceber obras virtuais. Além disso, cabe aqui realizar uma análise destas produções gerando reflexões a respeito da prática artística como meio de emancipação e rebeldia. Empregando também algumas abordagens de NOGUEIRA (2017) acerca da discussão do lugar de fala e lugar de escuta da mulher na pesquisa científica em artes, que leva em consideração as questões de gênero, classe e raça dentro do movimento feminista brasileiro contemporâneo.

A revisão bibliográfica desta pesquisa consiste em uma fundamentação teórica feminista já levantada e estudada no Trabalho de Conclusão de Curso da autora. Como forma de dar sustento aos argumentos propostos no projeto e alicerçar a subversão de gênero explorada na produção artística já citada, lançamos mão de autoras que tratam do feminismo e discutem os estudos de gênero. Para essa função, resgatamos importantes escritoras como WOLF (1992), FRIEDAN (1971) e BEAUVOIR (1970). Além de outros autores importantes para compreender as manifestações criativas na arte contemporânea, como ARCHER (2001), por exemplo, são usados como base teórica e embasam a forte influência do *Pop Art* e da presença do corpo na arte feminista manifestada a partir da performance na segunda metade do século XX.

Por fim, uma parte importante dessa pesquisa é o processo de autorreflexão a respeito da produção artística aqui citada. Esse processo permite que as relações entre arte, tecnologia e os movimentos da contracultura presentes neste trabalho fiquem mais evidentes, revelando as motivações feministas e a origem desse processo criativo em meio ao ambiente virtual e tecnológico que traz consigo uma sobrecarga de informações artísticas e estéticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado deste projeto de pesquisa podemos citar a produção e publicações de artigos que discutem a problemática relativa ao papel da mulher na arte tecnológica e na cultura visual em geral, aos discursos presentes no material publicitário que cerca a rede *online* nas mídias sociais e ao ativismo digital, procurando escapes das plataformas *mainstream* que não oferecem suporte e espaço para artistas mulheres que vão contra o sistema dominante.

Ainda podemos levar em consideração as discussões levantadas a partir da autorreflexão citada na fase metodológica deste projeto, na qual é possível perceber como os elementos visuais da cultura *pop* são mesclados nessa produção poética à certas características estéticas e conceituais da cultura *underground*, assim como a própria linguagem de *internet* se manifesta nos processos de criação ou até mesmo nos aspectos técnicos das obras digitais.

4. CONCLUSÕES

Constatamos que as indagações levantadas a respeito da arte e do ativismo digital são imensamente pertinentes para o âmbito acadêmico, já que os mesmos vêm se desenvolvendo e surgindo a partir de novas linguagens muito presentes na arte contemporânea. A infinidade de possibilidades oferecidas pela arte digital vai das diferentes plataformas digitais até o manuseio de recursos práticos, como as múltiplas abordagens do gesto artístico.

Além disso, é de extrema importância que a experiência artística seja explorada sob o olhar da mulher, assim reconhecendo os efeitos da linguagem artística nos movimentos de resistência e da relação da mulher com o próprio corpo que desde os primórdios é visto como obediente e, ao mesmo tempo, transgressor. Por isso, acreditamos que esse trabalho possua capacidade de contribuir para a pesquisa em Artes Visuais, criando assim um mapeamento das manifestações artísticas em questão e futuramente contribuindo com pesquisadoras que percorrerão temas semelhantes ao desse trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEAUVIOR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEIGUELMAN, Giselle. Espaços de subordinação e contestação nas redes sociais. São Paulo, **Revista USP**, n. 92, p. 20-31, 2011-2012.

CAMARGO, Michelle. “Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). Campinas, **Cadernos Pagu**, v. 36, p.155-186, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOMINGUES, Diana (Org.). **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina.** Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A estetização do mundo:** viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

NÓBREGA, Lívia de Pádua. A construção de identidades nas redes sociais. Goiânia, **Fragmentos de Cultura**, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, 2010.

NOGUEIRA, Isabel Porto. Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. Curitiba, **Revista Vortex**, v.5, n.2, p.1-20, 2017.

SILVA, Tarcisio Torres. **Ativismo digital e imagem:** estratégias de engajamento e mobilização em rede. São Paulo: Paco Editorial, 2017.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.